



**A importância da Educação Sexual na formação docente e a sua relação
sobre as práticas sexistas na Educação Infantil: um olhar para as
literaturas atuais.**

Débora Fernandez Antonon Silvestre

Mestranda em Educação Sexual, UNESP/FCLAR, Brasil
debora.antonon@unesp.br

Vagner Sérgio Custódio

Professor Livre Docente, UNESP, Brasil
vagner.custodio@unesp.br

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada como trabalho final da disciplina “Introdução à Sexualidade e à Educação Sexual” do programa de pós-graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara. Tem como objetivo a investigação do que temos de produção acadêmica em relação à temática da Educação Sexual na formação docente e a sua relação sobre as práticas sexistas na Educação Infantil. Os dados da pesquisa foram obtidos a partir de um levantamento bibliográfico realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações nos últimos dez anos. Através do mapeamento, concluiu-se que existe uma lacuna quanto à temática da Educação Sexual na formação docente que por sua vez, contribui para ações pedagógicas caracterizadas como heteronormativas, perpassando pelo ensino superior até a Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Sexual. Formação Docente. Práticas Sexistas.

1 INTRODUÇÃO

Dentro da concepção de Educação Sexual, a mesma segundo os estudos de Ribeiro (2017) “[...] deve ser contínua, formativa, crítica e reflexiva e combativa”. Mas a falta de investimento em políticas públicas voltadas para a Educação Sexual agrava problemas sociais que sempre existiram em nosso meio como: preconceitos, desigualdade de gênero, desinformação na prevenção de doenças e gravidezes precoces, má formação do profissional que vai atuar com o tema nos espaços escolares, responsabilidade com o corpo e autoproteção, combate à homofobia, práticas sexistas, entre outros.

Pensando nesses fatores, e percebendo a escola como um espaço para reflexão e informação, a preocupação com a formação inicial e continuada dos professores, ainda é um quesito que carece de investimentos em programas de formação em Educação Sexual. Valorizar a Educação Sexual dentro das universidades e posteriormente, nas escolas, faz-se necessário para que esta educação seja intencional e emancipatória, que reforce nossos direitos e deveres enquanto cidadãos.

Ancorada pelos estudos de Ribeiro sobre a Educação Sexual e sua concepção em diferentes espaços, pois a concepção da mesma é composta por atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento, o autor defende a Educação Sexual como processo pedagógico e deve partir de um profissional formado para tal, que tenha um cunho intencional e decorrente de atitudes, éticas e valores, práticas e concepções que desenvolvam uma cidadania ativa.

Ribeiro nos auxilia a refletir e compreender os conceitos de Educação, Educador e Educação Sexual e a necessidade de emersão destes temas em áreas de atuação além da educação e da saúde. As famílias precisam compreender o significado e a abrangência da Educação Sexual e, em especial, a importância de se olhar para a formação do educador que é a figura que irá desconstruir e transformar valores e visão de mundo, contribuindo para a construção de ideias que irão gerar valores e sentimentos positivos no combate de qualquer tipo de preconceito.

O reconhecimento oficial do governo federal em relação à Educação Sexual deu-se em 1997 com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com um destaque para questões de sexualidade, corpo e gênero. Outro marco deu-se nos anos 2000 com vários estudos, congressos, publicações e o surgimento do primeiro programa de mestrado sendo, o Programa

de Pós Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, campus de Araraquara. De 2003 a 2011, houve avanços significativos na igualdade de gênero e em campanhas de combate à homofobia. Esses marcos legais estão vinculados ou são decorrentes de diferentes movimentos sociais e políticos que desencadearam mudanças de pensamentos e valores desenvolvendo atitudes e comportamentos sexuais.

As diferentes realidades e discursos contraditórios nos diferentes espaços contribuem para que a educação, especialmente no espaço escolar, ainda seja diagnosticada com cenários de exclusão e práticas sexistas.

Segundo Britzman,

Em termos de pesquisa educacional, a idéia de identidade ainda permanece, com muita freqüência, presa à visão equivocada de que as identidades são dadas ou recebidas e não negociadas - social, política e historicamente. Essas ausências fazem com que a identidade seja colocada num *continuum* linear. O resultado disso é que, no cenário da pesquisa educacional, as identidades não conseguem fugir de dois extremos: ou são vistas como dolorosas (quando se acomodam) ou são vistas como prazerosas (quando resistem). (BRITZMAN, 1996, p. 73)

Neste sentido, o papel das escolas, deve visar à qualidade e o respeito aos direitos de todos, constituindo espaços que privilegiem a democracia, que conscientizem e combatam as desigualdades, reconhecendo a diversidade de culturas, de gênero, de raças, de cor, de credo, etc. Escolas e creches são espaços de convivência onde as diferentes culturas se encontram e se fundem em seus diferentes grupos que compartilham valores, experiências, conhecimentos de maneira a estreitar os laços criando oportunidades de reconhecer as diferenças.

2 OBJETIVO

Com base nos conceitos expostos temos como objetivo a investigação do que temos de produção acadêmica em relação à temática da Educação Sexual a sua relação sobre as práticas sexistas na Educação Infantil e identificar as lacunas do tema na formação docente. Para tanto, foi realizada inicialmente uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações nos últimos dez anos, por meio do que temos publicado nesta temática.

3 MÉTODO DE ANÁLISE

De início, fez-se uma revisão de literatura para coletar, analisar e sintetizar os conhecimentos existentes sobre as práticas sexistas na Educação Infantil e as lacunas na formação docente. Este processo envolveu a busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações nos últimos dez anos do que já temos escrito sobre o tema. Após a seleção e organização dos estudos relevantes publicados, fizemos uma análise e a sintetização dos resultados.

Um primeiro levantamento incluindo o tema “educação sexual” resultou em quinhentos e seis trabalhos, acrescentando posteriormente os filtros específicos “educação sexual; ciências humanas: educação; 2012 – 2022” nos defrontamos com quatro dissertações, sendo que uma delas, o título se repete. Em seguida, incluímos o tema “formação docente” que gerou um resultado de mil quatrocentos e sessenta e oito trabalhos. Utilizamos o mesmo

critério de filtros específicos “formação docente”; “ciências humanas: educação”; “2012 - 2022” e nos defrontamos com quatro dissertações abordando a temática da educação sexual na formação docente. Por fim, com o tema “práticas sexistas”, não foi encontrado nenhum trabalho na pesquisa “por assunto”. Desta forma, selecionamos na pesquisa o item “todos os campos”, o que resultou em cento e vinte trabalhos. Utilizamos os filtros “práticas sexistas”; “educação”; “2012 – 2022”, o que compreendeu em doze dissertações. Especificamente sobre o estudo destacado entre as práticas sexistas na educação infantil, selecionamos cinco dissertações.

Pensando em uma melhor visualização dos dados, as teses avistadas foram sistematizadas no Quadro 1.

4 ANÁLISES

Após as pesquisas efetivadas, faz-se necessário a realização de um enquadramento para facilitar a visualização das análises. Desta feita, o Quadro 1 esboça os estudos selecionados e expõe os seguintes elementos: tema/título, objetivo e ano.

Quadro 1 – Elementos considerados pertinentes para análise

Tema/ título	Objetivo
Educação sexual	
1. Faces, discursos e práticas: visões e vivências da sexualidade e da saúde reprodutiva entre adolescentes de uma escola pública de João Pessoa - PB.	Questionar porque apesar de tanto conhecimento sobre sexualidade e saúde reprodutiva, há um grande desconhecimento dos indivíduos em relação às suas próprias sexualidades. Ano: 2014.
2. Articulação entre Paulo Freire e Hebert Marcuse para a educação sexual humanizada.	Investigar precedentes acerca de uma perspectiva de construção curricular libertadora no ensino de ciências sobre gravidez na adolescência, mediante abordagem temática freireana. Ano: 2015.
3. A Importância dos Contos de Fadas para o Desenvolvimento Psicossexual da criança: o que pensam, o que dizem e o que fazem as professoras?	Conhecer como as professoras utilizam os Contos de Fadas nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) do nosso município de Francisco Beltrão/PR. Ano: 2016.
Formação docente	
4. "O que é normal pra mim não pode ser normal pro outro": a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do IFS/Campus Aracaju.	Analisar como as temáticas de corpo, gênero e sexualidades estão sendo introduzidas nas práticas formativas das licenciaturas de Química e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe- IFS/Campus Aracaju. Ano: 2016.
5. Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe.	Analisar as experiências de professores (as) e alunos (as) concluintes do curso de Licenciatura em Educação Física, vinculado ao Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), quanto à abordagem das diferenças e à importância das discussões sobre as temáticas de gênero e sexualidade na e para a formação docente. Ano: 2016.
6. As relações de gênero na educação do corpo.	Averiguar como vêm sendo tratadas as relações de gênero por estudantes dos cursos de licenciatura em Educação Física de instituições públicas em Goiânia. Ano: 2018

7. A importância das questões de gênero e sexualidade na formação docente.	Perceber como as questões de gênero e sexualidade estão ou não presentes na formação docente diante de debates contemporâneos sobre essas questões. Ano: 2018
8. Um olhar sobre práticas pedagógicas que transgridem os estereótipos de gênero na educação infantil na região metropolitana de Belo Horizonte.	Analisar as práticas pedagógicas de professoras de educação infantil que, inseridas em uma cultura heteronormativa e sexista, procura por meio de suas práticas, transgredirem os estereótipos de gênero. Ano: 2016.
9. O silenciamento das professoras e a socialização de gênero no cotidiano da educação infantil: relações entre docência e religião?	Analisar como as professoras de educação infantil com suas identidades e vivências religiosas agem com as crianças e se expressam sobre as crianças. Ano: 2019
10. Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão.	Investigar as condições que percorrem a docência e o trabalho gestor de profissionais homens no Centro de Educação Infantil em uma escola de educação infantil municipal de São Paulo. Ano: 2016.
11. Gênero e educação infantil: análise do trabalho pedagógico em uma pré-escola municipal do Oeste Paulista.	Averiguar como é desenvolvido o trabalho pedagógico em uma instituição de Educação Infantil no que se refere às relações de gênero. Ano: 2016
12. Representações sociais de relações de gênero de professoras/es da educação infantil.	Identificar as representações sociais de relações de gênero, analisando as possíveis relações entre as RS e as práticas docentes das/os professoras/es de modo a compreender como são construídas as relações de gênero na Educação Infantil. Ano: 2019.

Nota: Elaboração própria (2022)

Iniciando as análises e indo ao encontro do Quadro 1 exposto, nos deparamos com a dissertação de mestrado de Sônia Cristina da Nóbrega Carneiro dos Santos, intitulada “Fases, discursos e práticas: visões e vivências da sexualidade e da saúde reprodutiva entre adolescentes de uma escola pública de João Pessoa – PB”. A pesquisa procurou investigar os conhecimentos sobre temas relacionados à sexualidade e iniciação sexual com adolescentes dos 8º e 9º anos de uma escola pública do ensino fundamental em João Pessoa, na Paraíba.

A autora utilizou questionários, entrevistas e observação direta pra apreender as respostas dos estudantes e contatar que os mesmos respondem conforme o que lhes fora transmitidos culturalmente. Um dado que Santos (2014) nos apresenta é em relação à pergunta “se existe diferença entre sexo e sexualidade”. Como resposta, a autora nos aponta que, cerca de 35% disseram que não; sendo 18,9% moças e 16,2% rapazes; 8,1% não responderam e 1,4% disseram que não sabiam a diferença.

Como considerações finais, Santos (2014) constatou que os educadores desempenham um poder disciplinador nos corpos dos (as) adolescentes já que os mesmos passam a maior parte do tempo na escola e, normalizando comportamentos através de um discurso normatizador, fugindo dos discursos naturalizantes e biológicos.

O próximo artigo designado é o texto 2, “Articulação entre Paulo Freire e Hebert Marcuse para uma educação sexual humanizadora”, de Gabriel Ribeiro Demartini. O autor parte da interrogativa de que medida as práticas pedagógicas sobre sexualidade, seus valores, sentidos e significados podem ser limitadores de uma concepção humanizadora sobre a temática e como a pedagogia crítica pode ajudar na superação dessa limitação.

Utilizando o pensamento de Hebert Marcuse articulado com Paulo Freire, foi realizada uma análise de um projeto de Prevenção Sexual de uma escola municipal do município de Sorocaba/ SP. A idéia foi promover uma nova articulação de diálogo mais sensível diante de situações de desumanização. Demartini (2015) constatou serem recorrentes as abordagens biologistas e sugere possibilidades de superação e direcionamento para uma educação sexual humanizadora, estética, ética e politicamente engajada.

Suas considerações finais ressaltam que o tema da educação sexual não deve se restringir a apenas o ensino de uma área específica das ciências, mas que dialogue com todo o processo educativo visando uma concepção educacional libertadora.

Seguindo o exposto do texto 3, “A Importância dos Contos de Fadas para o Desenvolvimento Psicossocial da criança: o que pensam, o que dizem e o que fazem as professoras?”, com autoria de Eritânia Silmara de Brittos, buscou evidenciar como as professoras utilizam os contos de fadas nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) de escolas no município de Francisco Beltrão, no Paraná. Foram coletados dados na pesquisa de campo em 15 CMEI e 30 professoras responderam às entrevistas semiestruturadas.

Como resultados, Brittos (2016) aponta para a necessidade de formação de professores em Educação Sexual emancipatória para as professoras da Educação Infantil, articulada aos conhecimentos psicanalíticos como caminho possível para intervenção, junto às crianças através dos contos de fadas.

Continuamos com a explanação dentro do descritor Formação Docente, com o texto 4. O texto intitulado “O que é normal pra mim não pode ser normal para o outro: a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe (IFS), campus Aracaju”, de Helma de Melo Cardoso.

Nesta pesquisa, a autora analisou os Projetos Pedagógicos dos Cursos de licenciatura de Matemática e Química do IFS. Participaram da pesquisa, uma professora da disciplina Educação e Diversidade e Grupo Focal e cinco alunos do último ano dos cursos. Os resultados obtidos denotaram pontos positivos como, uma disciplina com a temática da diversidade e; como ponto negativo, o silenciamento quanto à normalização dos corpos e das sexualidades.

Cardoso (2016), em suas considerações finais evidencia que os alunos não tiveram contato com a temática no curso de licenciatura de forma oficial e que a falta de uma discussão crítica e reflexiva para esses futuros professores/as, levarão, possivelmente, para a prática docente a reprodução do saber sexista e do currículo generificado.

Prosseguindo com a explanação dos assuntos e trazendo o texto 5, “Gênero, Educação em Sexualidade e Formação Docente: descortinando o curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe”, escrito por Luciano Rodrigues dos Santos, participaram da pesquisa quatro professores e quatro alunos concluintes do curso de Licenciatura de Educação Física.

A partir dos dados explanados por (Santos, 2016), os resultados da pesquisa ressaltam que as temáticas sobre a diversidade de gênero e sexualidade são conhecimentos necessários e imprescindíveis na e para a formação docente, no intuito de minimizar preconceito, discriminação e tabu na sociedade. Constata-se também que, por ser um tema tratado transversalmente, as temáticas são vistas de forma superficial e, emerge a importância de situar as temáticas gênero e sexualidade na agenda das políticas públicas de educação,

particularmente na formação permanente de professores dos cursos de licenciatura, uma vez que a temática está presente cotidianamente em todos os níveis da educação.

Seguindo o Quadro 1, nos deparamos com o texto 6, intitulado “As Relações de Gênero na Educação do Corpo”, por Kelly Cristini Martins Evangelista. Participaram da pesquisa, 214 estudantes matriculados entre o primeiro e oitavo período do curso de licenciatura de Educação Física.

Evangelista (2018) buscou entender como estudantes percebem as diferenças entre homens e mulheres de um modo geral, a noção de diferença entre o masculino e o feminino. A partir de uma série de levantamentos, concluiu que gênero ainda é uma barreira para expressão corporal, participação em práticas esportivas e, além disso, as práticas corporais realizadas dentro e fora da instituição também estão sujeitas a diferenciações de gênero, refletindo uma educação de corpo culturalmente direcionada pela concepção de sujeitos masculinos e femininos.

Prosseguindo com o mapeamento, o texto 7 “A importância das questões de gênero e sexualidade na formação docente”, de Deisy Christina Moreira Santos. A autora busca perceber como as questões de gênero e sexualidade estão presentes na formação docente identificando ações acadêmicas da formação inicial e continuada promovendo uma abertura para o debate desses temas.

Como considerações finais, (Santos, 2018) consolida a necessidade de se fazer conhecer como acepções sobre masculinidade e feminilidade e as diferentes formas de vivência da sexualidade verificadas no convívio social incidem ou não nas concepções de professores e professoras. Observa ser necessária uma formação científica para os professores lidarem com as questões pertinentes a gênero e sexualidade e terem a consciência de não veicular seus próprios valores, opiniões e aspectos de crenças como verdades únicas, indiscutíveis ou considerá-los princípios a serem obedecidos.

Prosseguindo com o mapeamento dentro do descritor Práticas Sexistas, com o texto 8, “Um olhar sobre práticas pedagógicas que transgridem os estereótipos de gênero na Educação Infantil na região metropolitana de Belo Horizonte”, com autoria de Lorena Marinho Silva Aguiar.

A pesquisa buscou analisar e identificar as práticas pedagógicas transgressoras de estereótipos de gênero de duas professoras da Educação Infantil de Contagem/MG e, questionar e compreender a visão dos docentes mediante a legislação, as reformas educacionais, as relações interpessoais e as condições de vida que afetam a atuação profissional em uma perspectiva de gênero.

Como considerações finais, (Aguiar, 2016) apresentou práticas que se fizeram presentes no cotidiano das docentes e apontou-se para a necessidade de formação docente na área de gênero e sexualidade em prol de uma educação não discriminatória e mais democrática.

Transpondo para o texto 9, “O silenciamento das professoras e a socialização de gênero no cotidiano da Educação Infantil: relações entre docência e religião”, escrita por Leniara Pellegrinello Camargo, busca analisar como as professoras de educação infantil, com suas identidades e vivências religiosas, agem com as crianças e se expressam sobre as mesmas.

Participaram da pesquisa dezessete professoras de um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI de Curitiba/PR.

As análises foram coletadas através de questionários e observações buscando compreender as relações entre gênero e vivência religiosa das professoras como parte de sua socialização e suas decisões cotidianas em relação ao gênero.

Como considerações finais (Camargo, 2019) conclui, que as professoras com vivência religiosa cristã mais tradicional, reforçam mais os estereótipos de gênero em suas falas, ações e escritas do que as professoras com vivência religiosa mais fluída e individualizada. Finaliza enfatizando a necessidade de uma formação docente reflexiva para romper com as práticas sexistas contribuindo no processo de socialização profissional.

Seguimos para o texto 10, “Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de Educação Infantil: alguns elementos para compreensão”, com autoria de Michelle Mariano Mendonça.

A autora analisou uma escola de educação infantil em um município de São Paulo em relação a como se dá a compatibilidade entre gênero e funções exercidas e como são expressos o reconhecimento, a aceitação e a identificação de papéis dos sujeitos em seus espaços de atuação, no caso de gestor e professores homens, pela comunidade, famílias e corpo docente. Participaram da pesquisa um professor, uma professora, um gestor, uma coordenadora pedagógica, dois pais e duas mães (de um menino e de uma menina).

Mendonça (2016), nos trás em suas considerações finais que, as falas dos profissionais da educação revelam a influência das instituições culturais e sociais, diante das reflexões sobre a ruptura dos estereótipos. No entanto, embora existam marcas nos discursos sobre diferenças entre homens e mulheres, os profissionais propõem atividades sempre dirigidas à construção de um ambiente igualitário com as crianças e que a presença de homens na educação infantil possibilitam mudanças no espaço de socialização, rompendo com a organização do trabalho com base no gênero dos profissionais.

Encaminhando para o final da caracterização dos estudos, destaca-se o texto 11, “Gênero e Educação Infantil: análise do trabalho pedagógico em uma pré-escola municipal do oeste paulista”, de Juliana Aparecida Zago.

A pesquisa buscou compreender a percepção de gênero de professores da Educação Infantil e como as mesmas perpassam pelo planejamento pedagógico. Participaram da pesquisa três professoras e 24 crianças de uma sala de pré-escola II.

Finalizando sua pesquisa, Zago (2016) aponta que através das entrevistas e observações na sala de aula, notou-se um despreparo profissional em relação à temática de gênero com concepções enraizadas em crenças religiosas gerando confusões terminológicas e conceituais. Destaca a necessidade de investimentos em pesquisas com a temática de gênero como forma de conceber práticas pedagógicas mais integrativas, diminuindo as distâncias entre as experiências dos sujeitos a partir do critério excludente de gênero.

Terminando a investigação proposta, nos deparamos com o texto 12, “Representações sociais de relações de gênero de professoras/es da Educação infantil”, por autoria de Ana Célia de Souza Santos.

A pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo que na Etapa 1, para identificar as representações sociais das relações de gênero com entrevistas com treze professoras/es de

sete Centros Municipais de Educação Infantil, em Teresina/PI. Na Etapa II, foi realizada a observação da prática docente de quatro professoras/es para identificar as possíveis relações entre as representações sociais de gênero e a prática docente.

Como conclusão, Santos (2016) nos revela que as representações sociais das relações de gênero apreendidas dos professores, estão relacionadas com a identidade sexual, construída a partir de características biológicas, aprendidas na convivência familiar sob influência da comunicação da mídia e da religião.

Desta forma, professoras/es ensinam seus alunos conhecimentos baseados e em uma educação sexista com aspectos voltados ao respeito e às diversidades existentes nesse espaço e sobre as relações de gênero, são reproduzidas a partir de ensinamento de comportamentos, atitudes e valores por meio do lúdico, da arte, da música e da literatura.

5 RESULTADOS

Considerando os temas destacados nesta análise, faz-se necessário um levantamento de questões acerca da formação docente, seja ela inicial ou continuada, em relação à formação em Educação Sexual atrelada à desconstrução das práticas sexistas.

Dentre os 12 trabalhos selecionados, 8 deles fazem menção direta à importância da Educação Sexual na formação e prática docente enquanto os outros apresentam relatos do que acarreta a falta de uma formação voltada à sexualidade com exemplos de práticas sexistas e de uma educação heteronormativa.

Segundo os textos 1, 2 e 3 expostos no Quadro 1, ambos destacam a necessidade da formação de professores em Educação Sexual e como tal formação pode auxiliar nas práticas pedagógicas fugindo dos discursos naturalizantes e biológicos. Mais especificamente Santos (2016, p.16) no texto 1, ressalta que “os desafios da educação básica contemporânea têm ultrapassado os limites dos processos de ensino-aprendizagem do currículo tradicional e que é preciso levar em consideração à complexidade que é inerente a toda a sala de aula”.

Os textos 5 e 6 analisam a importância da formação em Educação Sexual para os cursos de licenciatura em Educação Física. Neste sentido, por ser um tema transversal, a temática é apresentada e discutida de forma superficial.

A Educação Física segundo Evangelista (2018), “[...] é um curso que trabalha intimamente com o corpo e a corporalidade e, são espaços privilegiados para tratar questões de gênero e seus enlacs com a educação do corpo”. Portanto, faz-se necessário um trabalho que questione a construção das desigualdades entre sexos e sexualidade desconstruindo representações naturalizadas em uma cultura de preconceito.

Os PCN’s destacam que,

A orientação sexual deve ser ressaltada de duas formas, sendo: dentro dos conteúdos programados – por meio dos temas transversais nas diferentes áreas do conhecimento; bem como, fora dos conteúdos programados – ou seja, sempre que surgir questões relacionadas às questões da sexualidade (BRASIL, 1997).

O trabalho com a Educação Sexual promove o debate e reflexão de discussões necessárias tanto no âmbito escolar como fora dele. A escola tem o papel de esclarecer, informar, oportunizar vivências no espaço. Santos (2018) no referido texto 7, enfatiza a

promoção de abertura de diálogos sobre sexualidade e denota a necessidade de formação científica do professor.

[...] Faz-se necessária a qualificação do professor e da professora para que possa sentir-se confiante e seguro e segura na exploração do tema, assegurando não ser uma tarefa fácil o tratamento de temas que comportem adolescência, sexo, gênero, puberdade e outros. Aliado a isso, tem-se a crença de que, embora exista algum preparo para o enfrentamento das questões de gênero, há certa dose de timidez, insegurança a respeito da temática, entre outros aspectos que conduzem à importância de dar maior atenção ao debate sobre essas questões evidenciadas na formação docente. (SANTOS, 2018, p.55)

E por fim, Camargo (2019) e Zago (2016), entendem que os professores da Educação Infantil refletem em suas práticas pedagógicas as influências de suas vivências pessoais e culturais e crenças religiosas. Que tipo de educação é oferecido para meninas e meninos? Há uma necessidade de aprofundamento dessa discussão no cotidiano das escolas, em especial na Educação Infantil no que se refere à construção da noção de gênero por meninos e meninas com o intuito de mitigar práticas reprodutoras de estereótipos e sexistas.

6 CONCLUSÃO

Podemos apontar que a Educação Sexual é necessária na formação docente e acreditamos que tal formação irá contribuir para pensarmos e repensarmos práticas em prol de uma educação emancipatória e mais democrática.

O levantamento bibliográfico realizado permitiu realizarmos uma reflexão sobre os espaços de socialização das crianças, adolescentes e universitários. Em todas as esferas da educação, o discurso binário de gênero e a heteronormatividade, influenciam na formação e informação dos sujeitos analisados.

Esse contexto nos aponta para a necessidade de mais pesquisas na área da Educação Sexual, e emergem também, a importância de situar as temáticas de gênero e sexualidade na formação docente, inicial e continuada, uma vez que estão presentes em todos os níveis da Educação.

Para que a escola cumpra com o seu papel, entre eles o de formar cidadãos críticos e conscientes, a Educação Sexual é relevante em ações e práticas docentes no sentido de garantir um conhecimento sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

As escolas podem ajudar crianças e adolescentes a desenvolver uma compreensão saudável sobre sua sexualidade, relacionamentos e saúde. Algumas sugestões para suprir essa necessidade seria o desenvolvimento de um currículo abrangente de Educação Sexual que seja adequado para cada faixa etária em consonância com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Na prática, buscar parcerias com outros profissionais como da saúde, por exemplo, ou professores que tenham especialização na área da saúde sexual e reprodutiva para ministrar aulas ou fornecer palestras e *workshops*. Esses profissionais devem ter experiência e proximidade com os estudantes no sentido de fortalecer os laços de confiança e pertencimento no espaço de convivência entre os mesmos. Não basta somente colocar uma figura profissional aleatória se os estudantes necessitam sentir a confiança para abordar

assuntos como puberdade, contracepção, doenças sexualmente transmissíveis, consentimento, diversidade sexual, gênero e relacionamentos saudáveis.

É preciso também certificar-se de que a Educação Sexual seja inclusiva, abrangendo a diversidade de orientações sexuais, identidade de gênero e culturas presentes na escola, enfatizando a importância do autocuidado, relacionamento saudável e respeito mútuo.

O espaço deve ser seguro e acolhedor para discussões abertas sobre sexualidade, que encoraje perguntas e promova uma discussão salutar, sem julgamentos ou estigmatização.

Envolver os pais ou responsáveis também é fundamental. Comunicar claramente os objetivos e conteúdos da Educação Sexual e oportunidades para que eles possam participar, seja por meio de reuniões, sessões informativas ou recursos *on-line*. Os pais desempenham um papel primordial na educação de seus filhos, e os professores podem fornecer suporte, orientações e recursos para que os pais se sintam mais confiantes ao abordar esses assuntos em casa.

Os recursos devem ser educativos e atualizados, baseados em evidências. Existem diversos materiais, livros e recursos digitais disponíveis que podem auxiliar e fornecer informações precisa aos alunos.

As avaliações podem ser contínuas, com estimativas regulares para acompanhar o impacto da Educação Sexual na escola. Isso pode ser feito por meio de pesquisas, *Google Forms*, *feedback* dos alunos, pais e professores, e ajustes podem ser feitos com base nesses resultados. Lembrando que a implementação da Educação Sexual na escola deve acompanhar as políticas e regulamentações locais e envolver a colaboração de toda a equipe escolar, profissionais da saúde e comunidade como um todo.

7 REFERÊNCIAS

AGUIAR, L.M.S. **Um olhar sobre práticas pedagógicas que transgridem os estereótipos de gênero na educação infantil na região metropolitana de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. Disponível em: [HTTP://hdl.handle.net/1843/BUBD-AA3LB](http://hdl.handle.net/1843/BUBD-AA3LB) Acesso em: 10/08/2022.

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – IBICT. Disponível em: <https://bibliotecas.ufu.br/portal-da-pesquisa/bibliotecas-digitais/biblioteca-digital-brasileira-de-teses-e-dissertacoes-bdtb> Acesso em: 03/08/2022.

BRITTOS, Eritânia Silmara de. **A Importância dos Contos de Fadas para o Desenvolvimento Psicossocial da criança: o que pensam o que dizem e o que fazem as professoras?** 2016. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2016. Disponível em [HTTP://tede.unioeste.br8080/tede/handle/tede/977](http://tede.unioeste.br8080/tede/handle/tede/977) Acesso em: 05/08/2022.

BRITZMAN, D. P. (2017). O que é esta coisa chamada amor - Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, 21(1). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/7164496> Acesso em: 03/08/2022.

CAMARGO, Leniara Pellegrinello. **O silenciamento das professoras e a socialização de gênero no cotidiano da educação infantil: relações entre docência e religião?** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/65687> Acesso em: 10/08/2022.

CARDOSO, Helma de Melo. **O que é normal pra mim não pode ser normal pro outro: a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, Campus Aracaju**. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/4772> Acesso em: 08/08/2022.

DEMARTINI, Gabriel Ribeiro. **Articulação entre Paulo Freire e Hebert Marcuse para uma educação sexual humanizada**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2807> Acesso em: 05/08/2022.

EVANGELISTA, Kelly Cristiny Martins. **As relações de gênero na educação do corpo**. 2018. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <HTTP://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8350> Acesso em 08/08/2022

MENDONÇA, Michelle Mariano. **Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18781> Acesso em: 10/08/2022.

RIBEIRO, P.R.M., MILANI, D.R. da Costa, SOUZA, A.P. A educação sexual e o papel do educador: reflexões a partir de um contexto social em transformação. **Dialogia – Portal de Periódicos Uninove**. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/16635> Acesso em 14/07/2022.

RIBEIRO, P. R. M. Educação para a sexualidade. **Revista Diversidade e Educação**: Volume 5, n. 2, p. 07-15, 2017.

SANTOS, Ana Célia de Sousa. **Representações sociais de relações de gênero de professoras/es da educação infantil**. 2019. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35258> Acesso em: 05/08/2022.

SANTOS, Luciano Rodrigues dos. **Gênero, educação em sexualidade e formação docente: descortinando o curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe**. 2016. 255 f. Tese (Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9594> Acesso em: 08/08/2022.

SANTOS, D. C. M. A Importância das questões de gênero e sexualidade na formação docente. **Coisas do Gênero: revista de estudos feministas em teologia e religião**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 102–115, 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/520> Acesso em: 18 ago. 2022.

SANTOS, Sônia Cristina da Nóbrega Carneiro dos. **Faces, discursos e práticas: visões e vivências da sexualidade e da saúde reprodutiva entre adolescentes de uma escola pública de João Pessoa - PB**. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4865> Acesso em: 05/08/2022.

ZAGO, Juliana Aparecida. **Gênero e educação infantil: análise do trabalho pedagógico em uma pré-escola municipal do Oeste Paulista**. 2016. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2016. Disponível em: <https://unoeste.br:8080/jspui/handle/jspui/1001> Acesso em: 10/08/2022.